

Macabéa

Revista Eletrônica do Netli, Volume 8, Número 2, Jul.-Dez., 2019

TIPOLOGIA LINGUÍSTICA: MÉTODOS, GENERALIZAÇÕES E DIACRONIA



LINGUISTIC TYPOLOGY: METHODS, GENERALIZATIONS AND DIACHRONY

JOÃO PAULO LAZZARINI-CYRINO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)

RECEBIDO EM 06/04/2019 • APROVADO EM 10/05/2019

Abstract

The present paper introduces the main tenets and methodologies characterizing the field of Linguistic Typology, a consolidated discipline within the linguistic studies, but with very few materials written in Portuguese. Starting with the comparison of languages from different origins and areal distribution, typological studies investigate the limits of linguistic diversity, the relationships between different grammatical structures and the linguistic universals. Such investigations have brought many contributions to the present-day knowledge of human language. In this article, besides giving special attention to the methodologies of language sampling, language comparison and to the linguistic universals, the very close relationship between typological generalization and diachrony is presented.

Este artigo introduz as principais questões e métodos característicos da Tipologia Linguística, uma disciplina bastante consolidada nos estudos linguísticos, mas com pouca divulgação em língua portuguesa. A partir da comparação de línguas de diferentes origens e distribuição geográfica, os estudos tipológicos investigam os limites da diversidade linguística, as relações entre diferentes estruturas gramaticais e os universais linguísticos. Essas investigações têm trazido muitas contribuições para o conhecimento que se tem hoje acerca do fenômeno geral da linguagem humana. Neste artigo, além do destaque dado aos métodos de amostragem, de comparação de línguas e aos universais linguísticos, também se discute como as generalizações tipológicas podem-se aplicar, também, na diacronia.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Linguistic typology. Comparative method. Diachrony.

PALAVRAS CHAVE: Tipologia linguística. Método comparativo. Diacronia.

Texto integral

INTRODUÇÃO

Neste artigo apresento algumas das principais questões e métodos da Tipologia Linguística (doravante, TL), uma disciplina dentro dos estudos linguísticos que, a partir da comparação entre um número significativo de línguas, tem por finalidade investigar os limites da variação entre as línguas em termos de suas construções gramaticais. Apesar de pouco divulgada no Brasil, havendo escassez de material a respeito escrito em língua portuguesa, a TL tem trazido importantes contribuições para o conhecimento que temos hoje sobre a diversidade das línguas, as preferências das línguas por determinados tipos de estruturas gramaticais em detrimento de outros e também sobre a evolução/mudança das línguas no tempo. Por essa razão, acredito que o conhecimento dessa área pode trazer um suporte bastante valioso ao pesquisador em Linguística Histórica. Nesse sentido, Shields (2010) menciona três formas por que a TL pode auxiliar a Linguística Histórica:

(1) Contribuições da TL para a Linguística Histórica (Shields, 2010)

- i. fornecer aos linguistas históricos uma forma bastante útil de avaliar a plausibilidade de suas reconstruções;
- ii. atuar como um adjuvante metodológico no próprio processo de reconstrução, e

iii. constituir-se como um assunto primário da linguística histórica no sentido que Fox (1995) denomina "leis do desenvolvimento das línguas", ou seja, os princípios gerais de como a mudança linguística evolui.

Situando brevemente na história da linguística, a TL tem suas raízes nos primórdios da linguística, sendo seus principais precursores os estudos acerca da classificação morfológica das línguas: isolantes, aglutinantes, fusionais, polissintéticas, etc. Esses estudos tiveram início com Adam Smith (1759) e foram desenvolvidos subsequentemente por diversos autores, como os irmãos Schlegel (F. Schlegel, 1808; A. Schlegel, 1818), Sapir (1921) e Greenberg (1954), entre outros. O nome Tipologia foi cunhado por Gabelentz (1901) ao diferenciá-la do estudo genético das línguas. Segundo o autor, em Tipologia a preocupação é a de poder dizer que uma determinada língua apresenta tal e tal propriedade específica que acarreta em tais e tais outras propriedades, formando, assim, um caráter geral da língua. O estudo da tipologia permitiria, então, fazer com a língua o que o botânico faz ao descobrir um limoeiro a partir de sua folha. O quadro metodológico da TL que vemos atualmente, no entanto, surge em Greenberg (1963), baseando-se na visão de Jakobson (1958) acerca de leis de implicação nas estruturas linguísticas.

Croft (2003) diz que tipologia atualmente envolve três importantes componentes: (i) classificação tipológica, decorrente de comparação entre as línguas (ii) generalização tipológica, obtendo padrões de comportamento das línguas a que se chamam universais e (iii) explicação tipológica, o lado teórico da TL, muito ligado ao funcionalismo, com o entendimento dos fenômenos a partir da função linguística. Este texto dará enfoque especial maior aos dois primeiros componentes, apresentando a metodologia de amostragem de línguas típica da TL, alguns aspectos sobre comparações translinguísticas e uma apresentação dos universais e como um sistema de competição de motivações pode ser explicativo da distribuição das estruturas linguísticas pelas línguas do mundo. Além disso, abordo, ao final do texto, as relações entre TL e Linguística Histórica mostrando que a consequência natural do estudo tipológico é a compreensão de que as línguas apresentam alguns caminhos de mudança pré-determinados por suas características tipológicas.

CLASSIFICAÇÃO TIPOLOGICA: AMOSTRAGEM E COMPARAÇÃO

A TL segue o método indutivo. Ela parte primeiramente da observação dos fenômenos linguísticos em um conjunto representativo de línguas para depois obter generalizações robustas sobre esses fenômenos, generalizações essas que poderão receber explicações em termos de fatores intra ou extra-linguísticos.

No que diz respeito às línguas observadas, pode-se dizer que o melhor estudo tipológico é aquele que cobre todas as línguas existentes no mundo e compara suas estruturas sem nenhuma concepção pré-estabelecida. Essa tarefa, no entanto, é

obviamente inviável, sendo necessário recortar o universo de línguas existentes, observando um subconjunto delas. Paralelamente a isso, também é necessária uma metodologia de comparação que se baseie ao máximo no significado veiculado pelas estruturas estudadas. Isso porque um estudo comparativo pode facilmente passar a observar as estruturas de uma língua em função do arcabouço gramatical de uma única língua, levando a possíveis limitações na compreensão do comportamento das demais línguas.

A seguir apresento (i) a metodologia de amostragem utilizada na TL para se obter um recorte representativo das línguas do mundo e (ii) como comparar as línguas sem trazer a essa comparação concepções de uma só língua.

AMOSTRAGEM

A TL não é uma disciplina exclusiva no uso da comparação de línguas. Linguistas interessados na diacronia e no contato linguístico são, também, autores de muitos estudos comparativos. Esses estudos normalmente visam encontrar semelhanças entre as línguas que comparam. Por isso, são escolhidas línguas de mesmo grupo genético (português e outras línguas românicas, por exemplo) ou com uma situação de contato na história (português e línguas indígenas ou africanas, para entender mudanças específicas no português do Brasil). A TL, contudo, ao invés de buscar semelhanças entre as línguas, busca diferenças, busca o máximo em que as línguas podem variar. Por essa razão, deve-se ter especial cuidado para que a escolha das línguas não limite o estudo no sentido das diferentes possibilidades de manifestação de um fenômeno e permita que as generalizações obtidas não tenham explicações exclusivamente baseadas no contato linguístico ou na ancestralidade da língua, mas que sejam reflexo do comportamento geral das línguas humanas.

Bakker (2010) enumera cinco tipos de vieses que podem limitar o alcance da amostra para um estudo tipológico:

- **Bibliográfico:** cerca de dois terços das línguas do mundo não foram descritas satisfatoriamente. Das que restam, há línguas que apresentam material descritivo muito antigo, pré anos 50, focado apenas em alguns aspectos da língua, como o morfológico e o fonológico; outras estão fortemente associadas a um modelo teórico específico, o que direciona muito a interpretação dos dados. Essas características podem limitar bastante a viabilidade do material para um estudo tipológico, a depender do fenômeno que se deseja estudar.

- **Genético:** por conta do viés bibliográfico, há um maior número de material sobre algumas línguas e um menor número sobre outras. Por exemplo, línguas indo-europeias são melhores descritas de forma geral. Em contraste, há pouco material sobre línguas indígenas brasileiras comparativamente. Quando maior o número de línguas observado, mais

chances há de que uma maior proporção de línguas de ancestralidades semelhantes venha a desestabilizar a amostragem, limitando a variedade de fenômenos encontrados.

• **Areal:** línguas faladas em regiões próximas podem compartilhar características em decorrência do contato. Isso se observa em regiões como o Cáucaso e os Bálcãs, em que línguas de diferentes genéticas se assemelham em aspectos fonético-fonológicos e morfossintáticos.

• **Tipológico:** o viés tipológico está relacionado a comparar um número grande de línguas que apresentam semelhantes tipologias. Para entender isso, consideremos (i) que previamente sabemos que se uma língua possui uma característica X, ela provavelmente apresentará uma característica Y e (ii) que estamos estudando justamente essa característica Y. Nesse caso, deve-se controlar as línguas que apresentam a característica X. Pois, embora X motive a ocorrência de Y, deve-se explorar a possibilidade de haver outras características independentes de X que motivem a ocorrência de Y.

• **Cultural:** apesar de ignorada por diversas correntes da linguística, a ideia de que aspectos culturais possam determinar certos parâmetros linguísticos é algo a que se pode ter alguma atenção na formação de uma amostra. Quantidade de falantes e acesso à escrita, por exemplo, são aspectos que podem vir a ter algum reflexo nas propriedades da língua.

Bell (1978) traz o primeiro estudo dedicado a amostragem em TL. De acordo com o autor, existem duas questões tipológicas que podem ser feitas e cada uma direcionará a formação da amostra e sua forma de lidar com os vieses apresentados acima. Um estudo tipológico pode (i) investigar todas as diferentes manifestações de um fenômeno linguístico ou (ii) investigar as relações entre um fenômeno linguístico e outro, independentemente de fatores históricos. Para o primeiro tipo de estudo é necessária uma amostra de **variedade**; para o segundo, uma amostra de **probabilidade**.

Suponhamos um estudo sobre marcas de concordância no núcleo do predicado da oração. O português (2), por exemplo, marca a pessoa e número do sujeito da oração no verbo. Já o georgiano (3), apresenta um sistema de marcas referentes ao número e pessoa tanto do sujeito como do objeto pode ocorrer no verbo.

(2) *Português*

- | | | | |
|----|------------|--------------------|-------------------------|
| a. | Eu | compr- o | um livro a cada semana. |
| | 1sg | comprar-1sg | ... |
| b. | Ele | compr- a | um livro a cada semana. |
| | 3sg | comprar-3sg | ... |
| c. | Nós | compra- mos | um livro a cada semana. |

	1pl	comprar-1pl	...
d.	Eles	compra- m	um livro a cada semana.
	3pl	comprar-3pl	...

(3) *Georgiano*

- a. **V**-xatav.
1sg.suj-desenhar.
“Eu desenho ele.”
- b. **M**-xatav-**s**.
1sg.obj-desenhar-3sg.suj.
“Ele me desenha.”
- c. **Gv**-xatav-**s**.
1pl.obj-desenhar-3s.suj
“Ele nos desenha.”
- d. **G**-xatav.
2sg.obj-desenhar.
“Eu te desenho”
- e. **G**-xatav-**s**.
2sg.obj-desenhar-3sg.suj.
“Ele te desenha.”

Em nenhuma dessas línguas, no entanto, há marcas referentes ao sujeito em núcleos não-verbais de predicado: somente verbos podem receber essas marcas. Em turco, por outro lado, nomes, adjetivos e verbos que são núcleos de predicados podem receber marcas de pessoa e número de acordo com o sujeito. Em cantonês (5), em contraste, não há nenhum tipo de marcação para o núcleo do predicado, independentemente de ser não-verbal (5a) ou verbal (5b).

(4) *Turco*

- a. Ben kitap oku-r-**um**.
1sg livro ler-pres-1sg.
“Eu leio livros.”
- b. Ben mutlu bir öğretmen-**im**.
1sg feliz um professor-1sg.
“Eu sou um professor feliz”
- c. Ben yorgun-**um**.
1sg cansado-1sg.
“Eu estou cansado.”

(5) *Cantonês*:

- a. Ngo5 baa1sai1yan6.
1sg brasileiro.
“Eu sou brasileiro.”
- b. Ngo5 maai6 ce1.
1sg vender carro.
“Eu vendo carros.”

Como vemos, pode haver bastante variedade no fenômeno linguístico em questão. Se investigarmos mais línguas, vamos descobrir que, além de número e pessoa, pode ocorrer marcação relacionada a gênero e classes nominais. Além disso, podemos encontrar línguas cujas marcas relativas a sujeito e objetos competem entre si para ocorrer no núcleo do predicado pois há apenas um slot para indexação, etc. Para poder ter uma noção mais clara das formas como o fenômeno em questão se manifesta é necessário recorrer a uma amostra de **variedade**. Esse tipo de amostragem, com finalidade exploratória, costuma ser realizado em etapas e resulta em um número normalmente grande de línguas. Toma-se inicialmente um conjunto de línguas de diferentes famílias e regiões do mundo. Ao se detectar nessa amostra inicial uma grande variedade de manifestações do fenômeno investigado, estende-se a amostragem seguindo o mesmo critério a fim de evitar o viés genético e areal. A amostragem é estendida até que não se encontrem mais variedades. Há várias técnicas específicas para se formar uma amostra de variedade, como o sistema de cotas proposto por Bell (1978), em que se escolhe um conjunto de famílias linguísticas e se toma um número fixo de cada uma, ou o sistema de Valor de Diversidade, de Rijkhoff et al. (1993), em que se escolhe as línguas de acordo com a estrutura das árvores genéticas das famílias linguísticas.

Outro tipo de estudo tipológico pode buscar estabelecer a relação entre dois fenômenos linguísticos. Por exemplo, Taraldsen (1980), propõe que haja uma relação bicondicional entre a obrigatoriedade de manifestação do sujeito da oração e a não-ocorrência de marcas de concordância nos verbos. Nesse caso, se uma língua apresenta verbos sem marca de concordância, ela obrigatoriamente necessita de sujeitos manifestos como formas independentes e se uma língua apresenta verbos com marca de concordância, ela não necessita manifestar o sujeito da oração. Exemplos abaixo:

(6) *Português* (verbos com marca de concordância, sujeito opcional)

- a. Estava preocupado. Quando chegou em casa, viu que estava sem a carteira.
- b. **Pedro** estava preocupado. Quando **ele** chegou em casa, **ele viu** que estava sem a carteira.
- c. Estava preocupado. Quando cheguei em casa, vi que estava sem a carteira.
- d. Eu estava preocupado. Quando eu cheguei em casa, eu vi que estava sem a carteira.

(7) *Inglês* (verbos sem marca de concordância, sujeito obrigatório)

- a. *Was worried. When got home, noticed didn't bring his wallet.
- b. **He** was worried. When **he** got home, **he** noticed **he** didn't bring his wallet.
- c. *Was worried. When got home, noticed didn't bring my wallet.
- d. **I** was worried. When **I** got home, **I** noticed **I** didn't bring my wallet.

Tal proposta foi feita dentro do quadro Gerativista, seguindo um método dedutivo. Se, no entanto, quiséssemos investigar essa aparente relação dentro do método indutivo da TL seria necessário recorrer a uma amostra de **probabilidade**. Amostras de probabilidade são bastante restritivas: elas devem cobrir ocorrências historicamente independentes dos fenômenos. Ou seja, para se investigar tipologicamente a proposta de Taraldsen (1980) é necessário buscar línguas que (i) apresentem ou não marcas de concordância no verbo e (ii) apresentem ou não obrigatoriedade de manifestação do sujeito. Essas línguas, no entanto, não devem estar relacionadas historicamente via genética ou contato. Dessa forma, não podem ser consideradas na amostra duas línguas românicas, por exemplo. Ou então, não podem entrar na amostra duas línguas do Cáucaso, já que o viés areal pode explicar eventuais semelhanças. Essa busca pela independência histórica favorece que a relação seja observada como consequência de propriedades inerentes às línguas como um todo.

No caso específico da proposta de Taraldsen (1980), foi feito um estudo tipológico (Gilligan, 1987) com uma amostra de probabilidade envolvendo 104 línguas. Os resultados a respeito da correlação necessária entre obrigatoriedade de manifestar o sujeito da oração como forma independente e ausência concordância verbal, conforme previsto por Taraldsen (1980) estão resumidos a seguir. Abrevio a primeira propriedade, quanto à manifestação obrigatória do sujeito como SOBR e a segunda, quanto à presença de concordância verbal, como CONC.

Tabela 1: Quantitativo de línguas CONC e SOBR,

	CONC	NÃO-CONC
SOBR	2/104	9/104
NÃO-SOBR	76/104	17/104

Fonte: Gilligan (1987: 3.4.1.1-32)

A tabela acima representa um tipo de correspondência bastante utilizado em TL e que será melhor explicado na seção 3 deste artigo. Por ora, cabe observar que a tabela correlaciona a presença e ausência propriedades CONC e SOBR nas línguas. Considerando que a proposta de Taraldsen (1980) é bicondicional, prevendo CONC e Não-SOBR e SOBR e Não-CONC, podemos observar que a proposta deixa de cobrir 19 línguas em 104, 17 que são Não-SOBR e Não-CONC e 4 que são SOBR e CONC. É curioso observar que, das 104 línguas observadas, em uma amostra de **probabilidade**, balanceada em termos genéticos e areais, apenas 11 apresentam obrigatoriedade de manifestação do sujeito da oração. A correlação estabelecida por Taraldsen (1980) não parece sobreviver em um universo linguístico balanceado, embora possa ser válida dentro entre as línguas indo-europeias.

Técnicas para amostragem de **probabilidade** são objeto de grande discussão dado o seu caráter fortemente restritivo. Dryer (1989), por exemplo, propõe uma metodologia em que as línguas são divididas em 322 grupos, cada um contendo um ancestral comum existente entre 3500 e 4000 anos atrás. Uma língua de cada um desses 322 grupos pode, em tese, ser utilizada para uma amostra de probabilidade. Esse tipo de abordagem prevê um número maior de línguas do que é normalmente utilizado em amostras de probabilidade, que costumam ser pequenas (50-100 línguas).

COMPARAÇÃO DE DADOS

Outra etapa do estudo tipológico que precisa obedecer a uma metodologia bastante específica é com relação à forma de abordar os dados sob uma perspectiva comparativa. É bastante comum observar análises linguísticas que partem de uma língua e encaixam-se de alguma forma, mais ou menos eficientemente, em outras línguas. De certa forma, a nomenclatura que utilizamos para estudar linguística é uma transferência. Sabemos que a gramática foi inventada para línguas como o grego e o latim. Os termos que utilizamos, sujeito, verbo, substantivo, etc. provêm dessa tradição. Será que esses termos se aplicam a todas as línguas, será que esses termos se referem a categorias universais?

Tomemos por exemplo os dados do Chinês Arcaico.

(8) *Chinês Arcaico (Bisang, 2008: 1-4)*

- a. Zǐ wèi Sháo jìn měi. (Lunyu 3.25).
Mestre diz Shao perfeitamente bonito.
“O mestre diz que Shao (estilo musical) é perfeitamente bonito.”
- b. Yǒu měi yù yú sī. (Lunyu 9.12)
Há bonito pedra em aqui.
“Há uma pedra bonita aqui.”
- c. Jiàn Táng Jiāng ér měi zhī. (Zuo, Xiang 25)
Ver Tang Jiang e bonito 3sg.
“Ele viu Jiang Tang e achou ela bonita.” (lit. Ele viu Jiang Tang e *bonitou* ela)
- d. Sòng Zhǎo zhī měi. (Lunyu 6.14)
De.Song Zhao de bonito.
“A beleza de Zhao Duque de Song.”

Os dados do Chinês Arcaico mostram que uma mesma palavra pode ocorrer em qualquer posição sintática sem que haja marcação morfológica que caracterize sua função em cada posição. A palavra **měi** em destaque pode ser (a) um adjetivo núcleo de predicado, (b), um adjetivo qualificando um substantivo, (c) um verbo e (d) um substantivo. Contrastando com a tradução, adaptações na morfologia da palavra em português normalmente são necessárias para que se interprete seu significado.

Sucedede que nossa visão de categorias gramaticais criada a partir do estudo de línguas indo-europeias – que apresentam uma morfossintaxe que justifica a divisão das palavras em categorias como substantivo, verbo e adjetivo – faz com que observemos nomes, adjetivos e verbos numa língua como o chinês arcaico. No entanto, é possível colocar a seguinte pergunta: se o chinês arcaico fosse analisado a partir de suas próprias características gramaticais, faria sentido pensar em termos de substantivos, adjetivos e verbos?

Enquanto algumas correntes teóricas estão preocupadas com o estabelecimento de categorias gramaticais universais, para a TL essas categorias só fazem sentido na medida em que sobrevivem à comparação translinguística. No caso das classes de palavras, o que observamos é que a morfossintaxe das línguas permite uma grande gama de divisão, estando o chinês arcaico e o português em duas extremidades opostas de um conjunto de possibilidades que vai de zero classes a uma multiplicidade de classes. Considerando isso, em TL são mais relevantes questões como: em quais línguas as palavras se comportam de forma diferente de acordo com o significado que denotam, ou com a função que ocupam na frase?

No que diz respeito a classes de palavras, estudos feitos por Croft (1991, 2000, 2001) propõem que se observem as classes de palavras em termos da relação entre denotação da palavra (entidade, propriedade e evento) e a função semântico-pragmática ocupada na oração (referenciação, qualificação e predicação). Em português, uma palavra que denota evento e encontra-se em uma função de predicação é denominada verbo e apresenta uma morfologia específica para isso. Uma palavra que denota entidade e encontra-se em uma função de

referenciação é denominada substantivo, e também apresenta uma morfologia específica para isso. Caso essa mesma palavra ocorra em função de predicação, morfologia adicional deve ser incluída para transformar um substantivo em um verbo (denominal), por exemplo, *escândalo* → *escandalizar*.

Essa marcação adicional sugere que a língua é bastante rígida ao associar um tipo de denotação à um tipo de função. O epifenômeno disso são as classes de palavras. Em chinês arcaico, por outro lado, não há essa rigidez: não há morfologia específica para cada relação denotação/função.

GENERALIZAÇÃO TIPOLOGICA: UNIVERSAIS, PARÂMETROS TIPOLOGICOS E OS CONCEITOS DE DOMINÂNCIA E HARMONIA

As generalizações são uma importante parte de qualquer estudo linguístico. Elas servem para mostrar os padrões existentes na distribuição dos fenômenos linguísticos e assim permitir que se parta para uma explicação destes. As generalizações tipológicas são denominadas **universais**, e são um componente vital da TL e comumente aproveitado por pesquisadores em diversas perspectivas teóricas. A forma como essas generalizações são feitas atualmente é resultado da importante contribuição de Greenberg (1963) ao estudar as relações entre as ordens de palavra vistas nas línguas.

Os **universais** tipológicos dizem respeito ao que é possível/provável ou impossível/improvável nas línguas. A razão pela qual colocamos possibilidade e probabilidade alternativamente está associada ao fato de que, em TL, os universais admitem exceções. Dada a metodologia indutiva da TL, é dado de antemão que, por melhor que seja sua amostra, ela poderá deixar de cobrir alguns fenômenos presentes em um subconjunto das línguas não-observadas. O ideal, no entanto, é que uma boa amostra permita que os fenômenos não cobertos sejam extremamente raros. Dessa forma, caso um **universal** deixe de capturar um tipo de ocorrência, essa exceção se trata de uma ocorrência rara. No caso em que não se encontre nenhuma exceção para um **universal**, temos um **universal absoluto**. Por outro lado, um **universal** que apresenta exceções é denominado **tendência**, principalmente se o número de exceções for significativo.

A formulação de **universais** não leva em conta características de línguas que seriam logicamente impossíveis. Como Croft (2003) aponta, seria semanticamente impossível uma língua ter um pronome indefinido de primeira pessoa já que indefinitude significa que o referente não é conhecido pelo interlocutor e a primeira pessoa é sempre conhecida, ao menos como locutor, pelo interlocutor. Também não seriam encontradas línguas com consoantes faringais nasais já que a constrição se daria antes do acesso ao canal nasal. Dada uma característica fisiológica, consoantes nasais só são possíveis com constrições do palato mole até os lábios. A TL exclui de antemão essas impossibilidades, ficando os **universais** relacionados a restringir fenômenos e características linguísticas que poderiam acontecer, mas não acontecem ou são extremamente raros.

Existem dois tipos de **universais**, os implicacionais e os não-implicacionais. Universais não-implicacionais referem-se a generalizações aplicáveis a todas as

Tabela 3 – Universal #3 em Greenberg (1963)

ORDEM VSO?	PREPOSIÇÃO?	ATESTADO?	LÍNGUAS
Sim	Sim	Sim	6/30
Não	Sim	Sim	10/30
Não	Não	Sim	14/30
Sim	Não	Não	0/30

Em segundo lugar, é possível representar o universal implicacional em uma tabela de correlação tetracórica (como também visto na Tabela 1, seção 2.1, com os resultados de Gilligan, 1987). Isso pode ser feito ordenando os parâmetros em dois eixos:

Tabela 4 – Correlação Tetracórica do Universal #3 de Greenberg (1963)

	PREPOSIÇÃO (PREP)	POSPOSIÇÃO (POS)
VSO	Sim (6/30)	Não (0/30)
NÃO-VSO	Sim (10/30)	Sim (14/30)

Existem algumas importantes observações a serem feitas a partir dessa tabela. Observa-se que a presença de preposições nas línguas ocorre tanto em línguas com ordem VSO como em línguas com ordem não-VSO. Da mesma forma, a ordem não-VSO ocorre tanto em línguas com preposição como em línguas com posposição (não-preposicionais). Greenberg chama tipos como PREP e não-VSO de **DOMINANTES**.

Tipos **dominantes** são sempre os consequentes lógicos do universal. Consideremos que o universal com que estamos lidando possa ser reescrito como "se a língua tem ordem VSO, ela tem preposições (vs. posposições)", ou, de forma mais matemática $VSO \rightarrow PREP$. Dessa forma, o consequente lógico é o tipo PREP. Além disso, consideremos que – em lógica – toda relação condicional pode ser reescrita como a negação do consequente implicando na negação do antecedente, ou, não-PREP (POS) \rightarrow não-VSO. Nesse caso, deriva-se não-VSO como consequente do universal. Os tipos **dominantes** são, portanto, PREP e não-VSO: consequentes das duas versões do universal.

Se PREP e não-VSO são tipos **dominantes**, POS e VSO são tipos denominados **recessivos**. A expectativa é a de que mais línguas sejam de tipos **dominantes** do que de tipos **recessivos**. Além disso, os tipos **dominantes** são menos restritos do que os **recessivos**: POS só pode ocorrer em línguas não-VSO e a ordem VSO só pode correr em línguas PREP.

Outro conceito derivado da tabela tetracórica é o de harmonia. Um tipo A é **harmônico** com relação a um tipo B se A ocorre somente na presença de B. No caso do universal que estamos abordando, o tipo POS é **harmônico** com não-VSO, pois não há línguas POS que não sejam do tipo não-VSO. Da mesma forma, o tipo VSO é **harmônico** com PREP: não há línguas do tipo VSO que não sejam do tipo PREP.

Os conceitos de **dominância** e **harmonia** são um importante movimento da TL no sentido de sistematizar as preferências das línguas por serem de determinados tipos. Perceba-se que tipos dominantes são os que as línguas mais preferem: na amostra de Greenberg são 16/30 línguas PREP contra 14/30 línguas POS e são 24/30 línguas não-VSO contra 6/30 línguas VSO. Os tipos mais frequentes são explicados por **dominância**, e os tipos menos frequentes são explicados por serem **harmônicos** com um tipo **dominante**: as línguas POS ocorrem porque são harmônicas com a ordem dominante não-VSO; as línguas VSO ocorrem porque são harmônicas com a presença de preposições (PREP), tipo dominante.

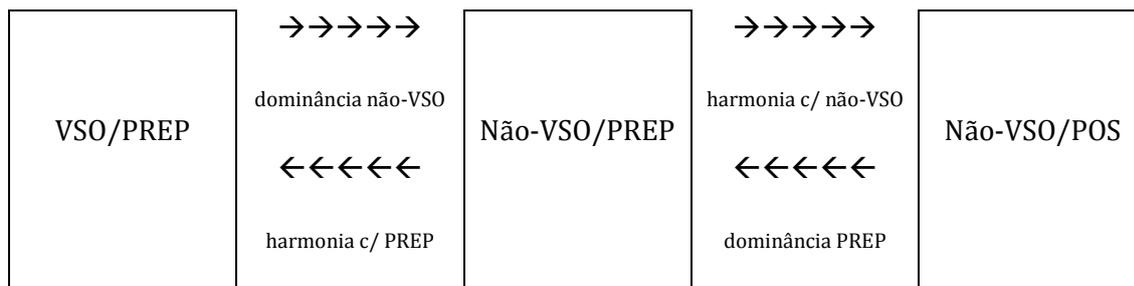
COMPETIÇÃO DE MOTIVAÇÕES E A DINAMICIZAÇÃO DA TIPOLOGIA

Uma tarefa a que a TL tem se dedicado com bastante intensidade é a de explicar por que a variação entre as línguas encontra limites e por que há tipos mais frequentes e tipos menos frequentes entre as línguas. Nesse sentido, na seção anterior vimos que a partir dos universais pode-se depreender os conceitos de **dominância** e **harmonia**, que são motivações para ocorrências de determinados tipos linguísticos. Pode-se dizer que boa parte do que se entende por explicação tipológica está associado a um modelo de competição de motivações: assume-se que nenhum tipo linguístico é ideal (totalmente motivado), havendo uma competição entre os princípios que regem a ocorrência dos tipos linguísticos. Seguindo o exemplo que vimos na seção anterior com a ocorrência de preposições versus posposições nas línguas, essa escolha está conectada aos conceitos de dominância e harmonia: uma língua terá mais chances de ter preposições, por conta de preposições serem dominantes com relação à ordem de palavra, no entanto, se ela tiver uma ordem não-VSO, as chances de ela ter posposições aumentam, pois a ocorrência de posposições é harmônica com ordens não-VSO.

Esse modelo de competição de motivações permite-nos pensar que há uma dinâmica dentro das línguas na busca por satisfazer essas motivações. Nesse sentido, os tipos linguísticos podem ser vistos como estágios de uma língua em mudança e as relações de dominância e harmonia entre os tipos indicam prováveis destinos para os quais a língua pode mudar.

Greenberg (1978) sugere que os tipos linguísticos dominantes somente mudem para um recessivo por razões de harmonia com outro tipo dominante. Em contraste, um tipo recessivo harmônico pode mudar para um tipo dominante. Considerando o Universal #3, é possível dizer que as línguas tendem a mudar no seguinte caminho:

Tabela 5 – Sentido de mudança considerando o Universal #3



Essas observações podem ser ilustradas com a evolução das línguas semíticas da Etiópia (cf. Greenberg, 1980). A tabela abaixo, adaptada da apresentação feita em Croft (2003:8.2), mostra as línguas por ordem de evolução histórica e suas características com relação aos parâmetros PREP/POS e VSO:

Tabela 6 – Evolução de PREP/POS e não-VSO nas Línguas Semíticas da Etiópia

LÍNGUA	PREP/POS	VSO?	RAZÃO DA MUDANÇA
Ge'ez	PREP	sim	Dominância de Não-VSO
Tigre	PREP	não	
Tigrinya	PREP	não	
Amárico (séc XIV)	POS	não	Harmonia de POS com Não-VSO
Amárico	POS	não	
Harari Antigo	POS	não	
Harari	POS	não	

Considerando o poder das generalizações obtidas a partir de metodologias rigorosas de amostragem, pode-se perceber como é grande o horizonte de contribuições que a TL pode trazer no sentido de apontar para leis que determinam os caminhos da mudança linguística (cf. FOX, 1995). As generalizações tipológicas podem ser tanto utilizadas como formas de se entender esses

caminhos, como também para amparar explicações de processos observados na história interna das línguas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve um enfoque bastante dirigido aos aspectos fundamentais da Tipologia Linguística, com especial atenção à metodologia, generalizações e uma breve discussão sobre os horizontes dessa disciplina nos estudos diacrônicos, destacando a tipologia diacrônica como uma extensão natural do modelo de competição de motivações. Esses aspectos foram selecionados para fornecer um subsídio inicial a linguistas que venham a ler trabalhos nesta área e também para aqueles que desejam se utilizar de desenvolvimentos da TL em seus próprios trabalhos.

Referências

- BAKKER, Dik. Language Sampling. In: SONG, Jae Jung. **The Oxford Handbook of Linguistic Typology**. Oxford: Oxford University Press. 2010.
- BELL, Alan. Language Samples. In: GREENBERG, Joseph et al. **Universals of Human Language, vol I: Method and Theory**. Stanford: Stanford University Press. 1978. pp. 123-156
- BISANG, Walter. Precategoriality and Argument Structure Constructions in Late Archaic Chinese. In: LEINO, Jaakko. **Constructional Reorganization**. Amsterdam: Benjamins. 2008.
- CROFT, William. **Syntactic Categories and Grammatical Relations: The Cognitive Organization of Information**. Chicago: University of Chicago Press. 1991.
- CROFT, William. Parts of Speech as Typological and as Language Specific Categories. In: VOGEL, Paul & COMRIE, Bernard. **Approaches to the Typology of Word Classes**. Berlin: Mouton de Gruyter. 2000. pp. 65-102.
- CROFT, William. **Radical Construction Grammar: Syntactic Theory in Typological Perspective**. Oxford: Oxford University Press. 2001.
- CROFT, William. **Typology and Universals**. Cambridge: Cambridge University Press. 2003
- DRYER, Matthew. Large Linguistic Areas and Language Sampling. **Studies in Language**, 13. 1989. pp. 257-292.
- FOX, Anthony. **Linguistic Reconstruction: an introduction to theory and method**. Oxford: Oxford University Press. 1995
- GABELENTZ, Georg. **Die Sprachwissenschaft, ihre Auggaben, Methode und bisherige Ergebnisse**. Tübingen: Tübingen Beiträge zur Linguistik. 1901.
- GILLIGAN, Gary Martin. **A Cross-Linguistic Approach to the Pro-Drop Parameter**. 1987. Tese de Doutorado (PhD) – University of Southern California.

GREENBERG, Joseph. A quantitative approach to the morphological typology of language. In: SPENCER, R. **Method and perspective in anthropology**. 1954. pp. 192-220.

GREENBERG, Joseph. Some universals of grammar with particular with particular reference to the order of meaningful elements. In: GREENBERG, Joseph. **Universals of Grammar**. Cambridge, MA: MIT Press. 1963. pp. 73-113

GREENBERG, Joseph. Diachrony, synchrony and language universals. In: GREENBERG, Joseph et al. **Universals of Human Language, vol I: Method and Theory**. Stanford: Stanford University Press. 1978. pp. 61-92.

GREENBERG, Joseph. Circumfixes and Typological Change. In: TRAUGOTT, Elizabeth et al. **Papers from the fourth international conference on Historical Linguistics**. Amsterdam: John Benjamins. 1980. pp. 223-241

JAKOBSON, Roman. Typological studies and their contribution to historical and comparative linguistics. In: SILVERTSEN, Eva. **Proceedings of the Eighth International Congress of Linguistics**. Oslo: Oslo University Press. 1958. pp. 17-25.

RIJKHOFF, Jan; BAKKER, Dik; HENGEVELD, Kees; KAHREL, Peter. A method of language sampling. **Studies in language**, 17. 1993. pp. 169-203.

SAPIR, Edward. **Language**. New York: Harcourt, Brace and World. 1921.

SCHLEGEL, August von. **Observations sur la langue et littérature provençales**. Paris: librairie grecque-latine-allemande. 1818.

SCHLEGEL, Karl Friedrich. **Über die Sprache und Weiheit der Indier**. Heidelberg: Mohr und Zimmer. 1808.

SHIELDS, Kenneth. Linguistic Typology and Historical Linguistics. In: SONG, Jae Jung. **The Oxford Handbook of Linguistic Typology**. Oxford: Oxford University Press. 2010.

SMITH, Adam. **Considerations Concerning the First Formation of Languages and the Different Genius of Original and Compounded Languages**. 1759.

TARALDSEN, Knut Tarald. **On the nominative island constraint, vacuous application and the that-trace filter**. Bloomington: Indiana University Linguistics Club.

Para citar este artigo

LAZZARINO-CYRINO, J. P. Tipologia linguística: métodos, generalizações e diacronia. **MACABÉA – REVISTA ELETRÔNICA DO NETLLI**, CRATO, V. 8., N. 2., 2019, p. 306-322.

O Autor

João Paulo Lazzarini-Cyrino possui graduação em Letras pela Universidade de São Paulo (2008), mestrado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2011) e doutorado em Linguística pela Universidade de São Paulo (2015). Atualmente é professor da Universidade Federal da Bahia. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Teoria e Análise Linguística, atuando principalmente nos seguintes temas: morfossintaxe, teoria e tipologia linguística.